

O despertar de Joana

Tales A. M. Ab'Sáber

Despertar, sono e sonho fazem uma constelação própria que se articula ao Édipo impossível de Joana. Atravessá-los é mesmo um processo de mutação simbólica em todos estes momentos da alma humana.

O amor é dar o que não se tem.
Jacques Lacan

A primeira visão que temos de um paciente, e seus efeitos sobre nós, sempre comunica algo de um padrão particular, que está em busca de reconhecimento, e que tende a se perder com o movimento da linguagem. Uma imagem de nós mesmos sempre nos compõe, mesmo que não tenhamos nenhuma consciência dela: refletida nos outros, ela volta fazendo efeitos e propondo lugares psíquicos para habi-tarmos. Como veremos, um dos medos enormes, limítrofes, de Joana, seria exatamente o de encontrar no outro e no mundo a sua imensa destrutividade interna. Mas, naquele momento em que eu a via pela primeira vez, era outro o efeito daquela sua vulgaridade bem estruturada sobre mim: aquele cabelo loiro que não sabemos dizer se natural ou falso, aquela maquiagem estranhamente situada entre o exagero e a displicência, aquela roupa que acentuava uma feminilidade expressiva, de mulher disposta, ou exposta, ao sexual de si e do mundo; tudo me indicava uma mulher forte, com uma marca distintiva acentuada, mas perdida sobre formas distorcidas, formas nitidamente “erradas”, que produziam um sentido de... dissonância.

Em nosso primeiro encontro ainda hoje me recordo do forte impacto da sua forma expressiva, especial, da sua vulgaridade que me convidava fortemente a contê-la, a ajudá-la, e posso perceber, agora, como tal imagem marcou uma parte significativa de sua análise. Todas as questões complexas da sexualidade desta moça, com sua contemporânea forma de histeria, - em que, nas palavras criadas entre nós, “ela era como uma aranha que atraía os homens para sua arma-dilha, os devorava e jogava fora”, sem jamais sentir que uma relação pudesse ser criada, compartilhada, e ser capaz de sustentar o amor, a sua grande confusão entre vida sexual e luta, algo sádica, com cada homem, no embate contra quem “ela sabia se garantir” - todos estes problemas que moveram uma boa parte de sua análise retornam, agora, no momento mesmo em que escrevo, condensados na forma em que ela apareceu diante de mim, na primeira vez que nos vimos.

Mas se tudo isto já se apresentava em uma imagem de corpo vivo e rosto, simultaneamente nítida e enig-

Tales A. M. Ab'Sáber é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, mestre em artes pela ECA-USP, e doutor em psicologia clínica pelo Instituto de Psicologia da USP.

mática, a primeira questão que Joana quis me trazer foi de outra ordem, de outra natureza.

Ela se dizia devastada por algo que chamava de *síndrome do pânico*. Assim, com uma intensidade afetiva considerável, começou a me falar: se tratava de uma angústia de morte infinita, corpórea, que a paralisava totalmente, experiência negativa que era simplesmente impossível de ser vivida, ou de assumir qualquer sentido. Tal violência podia ocorrer em qualquer momento de sua vida, não tinha ligação com nenhuma vivência psíquica, - me-

a própria cultura, de impossibilidade de conceber-se em uma continuidade criativa e compartilhada, era análoga ao que, mais tarde, descobrimos ser a sua forma de lidar com os homens, que era antes um forma de ser no sexual e amoroso, - e não o não ser do pânico.

Para completar tal situação desoladora rapidamente ficou claro que ela também estava *drogada*, o que, diga-se de passagem, ela não fazia questão alguma de esconder: “Quando eu falo da merda da minha vida para os médicos eles só fazem uma coisa: aumentam os re-

peças diziam que ela era louca, e ela tinha dúvidas permanentes a respeito deste ponto: “Sou ou não sou louca?... , ...eu ainda não estou louca, mas a qualquer momento posso ficar...”

Assim foi a nossa primeira sessão, que se encerrou com ela, não sei bem como, lembrando-se vivamente de uma cena infantil, de quando tinha cinco ou seis anos:

Ela assistia na televisão um documentário sobre neurocirurgia. Via uma operação no cérebro de alguém, as mãos do médico mexendo, com seus instrumentos, no interior de uma cabeça. Ela gostava muito do que via, e descrevia a cena, agora, com um excitante prazer curioso: lá estava ela, mergulhada em seu forte interesse pelo que via... quando de repente... sua mãe entrava na sala... e, com muita incompreensão e rispidez, lhe dizia que aquilo não era para ela, que nunca mais ela viria algo como aquilo, que saísse dali e sumisse...

Era nítida e desoladora ainda hoje a sua frustração, diante daquela experiência, (de um sonho?), rememorada na sessão. A intensa curiosidade por uma operação que expõe partes internas concretas e sangrentas do corpo, o fato de ser uma operação na cabeça e a súbita aparição de sua mãe, mais violenta que as imagens da tv, e anti-sexual, na medida que atacava a curiosidade viva da menina, que rompia de forma a deixar incompleta e suspenso a experiência imaginária que se dava, deixaram em mim uma forte impressão, fonte de pensamentos...

Após algum tempo, e após ela lamentar intensamente não ter podido ver o programa até o fim, eu falo as primeiras palavras sobre o que achava, naquele momento, algo importante em sua comunicação: “Acho que você está me falando de como muito cedo você já se interessava pelo que acontecia, como era, e como se podia curar a cabeça humana... Creio que muito cedo na vida você já queria saber sobre a

“Sou ou não sou louca?... eu ainda não estou louca, mas a qualquer momento posso ficar...”

Assim foi nossa primeira sessão, que se encerrou com lembranças de uma cena infantil, de quando ela tinha cinco ou seis anos.

mória, desejo, sonho, percepção - que ela pudesse chegar a notar; simplesmente irrompia, definitiva em sua devastação, mistura inominável de medo da morte com a experiência viva da própria morte...

O fato de ela ser possuída por tal demônio aleatório de si mesma também a confundia e enlouquecia: não era mais possível, por exemplo, viver entre as pessoas, pois o pânico podia emergir e revelá-la como louca; não era mais possível trabalhar, pois o pânico não respeitava compromissos; não era mais possível desejar algo na cultura compartilhada, já que ela não sentia uma estabilidade mínima no próprio mal, que possibilitasse poder sustentar um projeto. Assim, *sua relação com*

médios. Isto não adianta nada, eu continuo igual, a mesma merda... Só que mais chapada... Então eu tenho medo de diminuir os remédios e enlouquecer, pitar de vez, ter mais pânico, e tomo mais remédios, que só me deixam mais chapada...”

Sua vida familiar, agora aos trinta e quatro anos, com sua filha de oito anos - fruto de um casamento que há muito já acabara, e que ela sentia como sempre tendo sido inexistente - e morando com o pai e a mãe, muito difíceis, e um irmão *normal*, que a irritava muito, era mesmo o palco principal de sua existência.

Em sua família, onde tentara se recolher pela impossibilidade de viver o pânico no mundo, as

cabeça, talvez preocupada com a sua própria cabeça... então, lá estava a menininha interessadíssima em uma operação para a cabeça, quando aparece a mãe... O mais terrível é que a mãe não pode perceber o que a menininha está buscando naquelas imagens, que ela busca a própria cura, com enorme curiosidade de como se lida com uma cabeça doente... A mãe arranca a experiência da menina, não permite que sua curiosidade conheça algo da própria cabeça, e assim, antes de entender e acompanhar a tentativa de cura da menina, a mãe, impedindo-a de ver o programa, adoece menina... A impossibilidade da mãe ver e entender o que a menininha busca compreender é a própria doença da cabeça, que se perdeu até hoje... Aqui, comigo a menininha busca voltar a olhar para a cabeça, recuperá-la, completar aquela imagem perdida da infância."

Minha fala tem um profundo efeito sobre ela. Toda a intensidade de um afeto raivoso, com o qual ela contou algo sobre a merda da sua vida durante a sessão se dissipava, enquanto eu falava. Por fim ela me responde, algo emocionada, e com uma espécie de ternura de menina: "É isto mesmo... acho que vai ser possível este trabalho..."

Assim, sonhando com a possibilidade de sua análise, encerramos nosso primeiro encontro.

Vários são os caminhos para dar uma notícia do que aconteceu nos próximos quase três anos da análise de Joana. Podemos começar puxando um primeiro fio, com uma formulação algo tradicional, o das relações de amor e ódio de Joana com seus pais, que tinha a nitidez e o peso de um romance naturalista.

Filha mais velha de um patriarca de classe média paulistana, enriquecido pelo próprio trabalho e homem de muitas mulheres, Joana convivia com uma mãe aprisionada à casa e a seus pequenos e mesquinhos males, permanentemente às

voltas com um ciúmes infindável do marido, que tomava proporções de um ritual de existência. Saber do marido, de suas traições e do seu falso amor por ela, era o centro de sua vida de um único centro. Mulher inculta, sua mãe a tratava muito mal, ao mesmo tempo que era

bém má e doente, lançara uma profecia - auto-realizadora, na carga mesma de intensa identificação projetiva que era - sobre Joana, dizendo que ela sofreria do mesmo mal quando crescesse; sentia que havia em sua família uma maldição das mulheres, cujo signo a havia

"Creio que muito cedo na vida você já queria saber sobre a cabeça, talvez preocupada com sua própria cabeça. Lá estava a menininha interessadíssima em uma operação para a cabeça, quando aparece a mãe..."

to-talmente dedicada ao filho homem, três anos mais novo do que Joana.

Apesar do duplo ódio dedicado à mãe e ao pai, e do desprezo pelo irmão, que considerava um idiota, Joana não nutria um ódio especial por ele, parecendo, ao longo do tempo, que ela podia mesmo aceitar que ele tivesse um tipo de cuidado e atenção que ela mesma não conhecia.

Este mesmo motivo, o de poder dar o que ela mesmo não tivera, o de poder ter para dar o que não teve, a impulsionava fortemente para a própria análise: sua maior preocupação era a de que seus males, seu pânico e sua vida destruída, de alguma forma fossem transmitidos para sua filha, que a menina herdasse o seu mal. Certa vez, quando criança, a avó, mãe da mãe, tam-

afetado de forma profunda; mas necessitava, imensamente, barrar tal transmissão entre as gerações.

Esta foi a primeira vez que eu vi tal projeto humano de purificação e de amor pela próxima geração em uma análise, forma de preocupação que resgata a humanidade de um ser confuso pelo próprio destino distorcido. Nos próximos anos, em muitos casos relativamente graves eu viria pais e mães sinceramente preocupados com a fantasia de transmissão de seus males aos filhos, e sabiamente desejando compreender o quanto suas próprias alienações neuróticas, por vezes delirantes, distorceram ou distorciam algo do vir a ser próprio de seus filhos. Tal preocupação de grande valor humano, aspecto recuperável em uma análise de algo da capacidade de devoção materna

do humano, é muito importante para estas pessoas e, em si mesma, sinaliza que nem tudo está perdido.

Mas retornemos ao campo das grandes intensidades. Em nenhum momento de nossa história aquilo que Joana chamava de pânico ficou desconectado de um intenso colorido agressivo, de um campo afetivo que parecia se expressar em imagens dilacerantes de riscos reais, de morrer de forma terrível; ou, em sua contrapartida projetada, que logo surgiu, a fantasia de poder matar alguém por um mínimo incidente, ou uma mínima carga de agressão... Tudo isto se ligava a um ódio-medo genérico pelo mundo, em que ela não encontrava acolhida ou relação possível, e temia qualquer embate, ou apresentação de agressividade: “Quando eu saio não levo comigo nenhum instrumento cortante, faca ou tesourinha... *Porque se uma pessoa bater no meu carro, se acontecer, por acaso, de alguém me dar uma porrada, eu juro que eu mato o indivíduo, eu pego a faca e enfio na garganta dele...*”

Muito mais impressionante do que estas palavras, este risco concreto de uma atuação que definitivamente, e instantaneamente, a tornaria louca, era a carga afetiva da comunicação, misto de ódio com sadismo curioso, expressão de uma vitória sádica sobre um objeto que não merece nenhuma confiança, cuja relação possível é uma espécie de estado de natureza onde a linguagem é exclusivamente a potência de destruir o outro, e que terminava com uma ponta de desolação sobre si mesma, aqui o maior sinal de humanidade... A preocupação de não sair nunca com um objeto que pudesse materializar a fantasia de que necessariamente alguém morreria, falava de como a capacidade de amar ou confiar no objeto estava deslocada, não disponível para sua concepção ou para a fantasia do encontro, mas disponível apenas para a preocupação e o

cuidado limite consigo mesma, na busca virtual de um olhar humano que, neste ponto, pudesse anular tal guerra interior.

Tal agressividade, tal ordem sádica na aproximação do mundo se reproduzia com matizes de jogo – jogo de um único sobrevivente ima-

mente atacada por sua mãe, nos mínimos atos de sua existência cotidiana. Toda conversa ou tentativa de experiência com a mãe terminava sempre com uma alusão a respeito da loucura de Joana, o que a “enlouquecia”, no próprio olhar impossível da mãe para ela... A mãe

A preocupação de não sair nunca com um objeto que pudesse materializar a fantasia de que necessariamente alguém morreria falava da busca virtual de um olhar humano que pudesse anular tal guerra interior.

ginário – em seus encontros amorosos de um ou outro sábado à noite.

Esta vivência permanente de afetos e de embate sádico de vida e morte constituída desde seu mundo interno, tinha para ela o mesmo significado que as demais torturas contidas na palavra *pânico*: quando ela falava “pânico”, tal guerra imaginária que tendia a paralisá-la, estava contida no termo. Noutras palavras, a violência, sexualizada e bélica com o objeto que poderia sempre destruí-la, em que se transformara sua alma, era mesmo o seu pânico.

Aos poucos tal panorama de guerra da alma, que para lembramos uma antiga e apropriada noção poderíamos chamar de esquizo-paranóide, foi desdobrando-se em uma outra luta, um tanto mais objetiva. A moça sentia que era aberta-

sempre levava as suas próprias angústias e impossibilidades com o próprio marido para serem depositadas em Joana, e se ela tentasse sair desta posição isto certamente significava para a mãe que ela era, e sempre fora, cúmplice do pai em suas traições, e merecia mesmo todo o seu ódio... Assim Joana via-se aprisionada como continente das ansiedades não elaboradas de sua mãe. Ao mesmo tempo a mãe era agressiva e ríspida com ela, sustentando a idéia imaginária de que Joana era mais amada pelo marido do que ela própria, e por esta via ela ocupava, na fantasia materna, o lugar de uma das amantes do pai, a quem ela simultaneamente invejava e odiava...

Tal campo vivo da forte neurose materna parecia forçar mesmo uma edipianização excessiva da

alma de Joana, que se via obrigada a fazer conluíus com o pai, menos agressivo, mas um tanto mais perverso na manipulação de suas mulheres, na tentativa de se proteger em alguma relação amorosa possível dos ataques imaginários maternos. Mas esta era a própria realização da aproximação incestuosa de filha e pai, forçada pelo ódio materno, que assim realizava as fantasias de exclusão e ataques da própria mãe, e oferecia Joana em sacrifício. Os desejos de posse de todas as mulheres por parte do pai também contribuía consideravelmente para a criação deste cenário e roteiro, que se projetou exteriormente sobre a vida daquela família excitada.

Eis o inferno paradoxal, espécie de teatro libidinal familiar, escrito fora dela, no qual Joana via-se aprisionada, e era obrigada a atuar. Como veremos mais adiante, tal teatro criado entre fantasias e ansiedades, atuações e sintomas, por seus três personagens principais, tinha a materialidade de uma verdadeira realidade.

Assim Joana desfilava o rosário das muitas ansiedades, impossibilidades e ataques que sentia na relação em que se fechara com a própria mãe. Este mundo produzia imagens que pareciam ganhar autonomia em seu psiquismo, e pareciam gerenciar uma série de impossibilidades em sua relação com a vida. Me dizia, sempre muito irritada, como, desde criança, a mãe jamais cozinhou algo de especial para ela; sequer sabia o que ela gostava, enquanto para o pai e para o filho ela se esmerava em saber e em fazer o que eles queriam ou gostavam... Me falava do tempo em que ela estudava na faculdade, há alguns anos, quando tinha que acordar cedo, de como a mãe entrava em seu quarto às seis da manhã gritando que ela estava atrasada e fazendo todo barulho possível, simplesmente destruindo seu sono e impedindo qualquer possibilidade de um despertar satisfatório... Lembrava-se do dia,

quando criança, de seis ou sete anos, em que ela perguntara à mãe, enquanto ela cozinhava, de onde ela tinha vindo, como tinha nascido, e a mãe respondera que ela viera de um repolho, ao mesmo tempo em que picava um repolho com uma grande faca afiada..., e Joana ficava em dúvida se a mãe percebia a barbaridade daquela resposta, se ela era consciente de sua violência, ou se gozava sadicamente sem muita consciência da destruição imaginária da menina, realizada no centro das questões mais essenciais da vida infantil...

Sentia-se em permanente tensão e risco diante da mãe real e de suas violências reais, situação que estabelecia permanente tensão e luta que a impedia de repousar, e de vivenciar estados menos integrados,

verdade, que minha mãe pode entrar a qualquer momento e me matar..."

Como podemos ver, a imagem da faca e do dilaceramento, presente na fantasia do ataque feroz ao homem que batesse em seu carro, está profundamente inscrita na alma de Joana, e mais de uma ansiedade encontra forma na idéia ou na memória de ser esfaqueada. Tal imagem que circula entre ela e sua mãe, como veremos, terá imensa importância em uma outra matéria de sua alma, a matéria de um sonho destruído.

Por fim, todo este horror de uma relação impossível de existência, (fora o sadismo), e criação, (fora a luta), entre ela e sua mãe, convergia para duas memórias principais, que estavam no centro da constela-

Lembrava-se do dia em que perguntara à mãe de onde tinha vindo, como tinha nascido, e a mãe respondera que ela viera de um repolho, ao mesmo tempo que picava um repolho com uma grande faca afiada.

base de toda a criação: "Quando eu estou tomando banho tenho sempre a sensação de que alguém pode vir pelas minhas costas e me esfaquear... como no filme do Hitchcock, e com aquela música tchuim, tchuim, tchuim... acho, de

ção dos ataques, que a habitava. A primeira surgiu logo, e aparecia como síntese definitiva, - no meio das várias queixas cotidianas -, espécie de imagem condensada de todos os males e do sentido último, ou primeiro, da relação: "Você não

vai acreditar nisso, mas eu juro que é verdade... Quando eu era muito pequenininha, uma vez, minha mãe estava nervosa comigo porque ela queria que eu parasse de fazer cocô na frauda, queria que eu fizesse no banheiro... quando eu fiz cocô na frauda você sabe o que ela fez? Ela pegou a frauda e esfregou com toda a força o cocô na minha cara... Esfregou assim na minha cara... Pode parecer loucura, mas eu juro que isto aconteceu. Esta é a minha mãezinha querida..."

A segunda constelação de memória, surgida com o tempo e com o trabalho da análise, era um episódio de quando ela tinha oito ou nove anos, que, como veremos, também está ligado à matéria do sonho impossível. Tratava-se das *brincadeiras* que ela fazia com um menino dois ou três anos mais velho do que ela. Na verdade ela sentia que não fazia nada, que, ao contrário, era a vítima paralisada dos jogos sexuais e, para variar, sádicos, do menino sobre ela. Com um afeto intenso, entre horrorizada e inconformada, ela me contava: "Ele me levava para uma espécie de oficina que tinha no quintal, onde haviam várias ferramentas, lá era escuro, e ele me amarrava, então dizia que ia fazer coisas comigo com aquelas ferramentas, me ameaçava e me deixava presa por horas, eu ficava congelada de medo... Ele abusou de mim... o que mais me espanta, o que me desespera, é pensar onde estavam os meus pais, onde eles estavam que eles não viam nada daquilo, como eles podiam deixar que aquilo acontecesse comigo sem verem nada, sem saberem, onde eles estavam?"

Estas memórias de grande intensidade afetiva, que colocavam permanentemente o enigma da existência daquela moça - onde estavam os meus pais?, por que minha mãe me odiava tanto?, seria possível outra relação de objeto que não a do uso sádico? - foram a matéria da análise que levou, com o tempo,

a um outro nível de problemas, o da introjeção de tal sadismo na própria estrutura do sonhar de Joana.

Com o tempo tal solo de enigmas da existência na alma de Joana foi se enriquecendo em detalhes e nas dimensões de seu sentido. Fomos compreendendo a profundidade histórica dos ataques maternos a ela, e quais as possíveis fantasias organizadoras, na mãe, deste sistema de não reconhecimento e de uso sádico da experiência com a própria filha.

ego, ou da natureza de nossas ansiedades e defesas está relacionado e é mantido pela forma da ansiedade e do uso que o outro, com quem mantemos laços libidinais, faz de nós. Assim *haveria em nós algo que é a imagem impressa, mas invertida, da forma psíquica do outro*, e se em nós se dá a luz da imagem da relação criada entre os sujeitos, com as criações advindas desde a luz do próprio desejo, também temos indicado ali o negativo da foto, algo da forma psíquica que é própria do

O enigma da existência daquela moça: onde estavam os seus pais? Por que sua mãe a odiava tanto? Seria impossível uma relação de objeto que não fosse a do uso sádico?

A descoberta destas fantasias, importante para mim e para ela, como um *mito* criado entre analista e paciente, *construção*, só foi possível por eu considerar o inevitável auto-engendramento de sujeito e objeto, que é possível o reconhecimento de algumas das formas próprias de um ser - (formas psicanalíticas) - a partir do efeito e das 'deformações' específicas que ele pode criar sobre a alma de um outro ser, seu objeto.

Trata-se de uma hipótese que tem a forma de uma matriz fotográfica: algo da constituição de nosso

outro que se ilumina em nós. A análise necessita reconhecer estas formas não-eu, verdadeiras formas do outro, que se fazem sobre nós, reconhecer o outro nos forçando em seu desejo e em sua própria história libidinal, nos fazendo em suas próprias formas. Assim, algo da análise de nossos pacientes é também, como constatamos cotidianamente, a análise, neles, das formas psíquicas que lhes são outras, a análise de seus pais, maridos, esposas, chefes ou filhos. Noutros termos, a análise de Joana incluía a análise de sua mãe nela. E a partir daí, e no limite,

a própria análise de algo que é inteiramente de sua mãe.

Foi assim que, com os meses, *reconstruímos* a seguinte narrativa, que nos lançava em um campo de sentido bastante provável, e começava a tornar simbolizável o que só podia manifestar-se como intensa, e somática, crise de angústia. Nos parecia que a origem do ser de Joana estava ligada, fortemente, a um campo psíquico de impasses e de formas fortes que habitavam seus pais, *já pelo tempo de seu nascimento*. A mãe, que era bastante moralista e vinha de uma família católica, engravidou sem estar casada com o homem que seria o seu pai. O pai - que durante o casamento sempre manteve relações extraconjugais - não queria se casar, e durante um longo tempo, durante a gravidez, a mãe ficou aprisionada em uma angústia impensável sobre seu próprio destino, se teria ou não um pai para o bebê... Por fim o pai concede no casamento, mas deixando claro, em seus atos e durante toda a vida, que se casava apenas por causa da criança... Tal situação despertou o ódio terrível que aquela mãe tinha condições de sentir (a partir de sua própria mãe) sobre a menina: ela era a prova do desamor do pai por ela, mãe. Ao mesmo tempo, o valor e o amor que aquele homem passou a ter pela menina, ferindo a mãe por dedicar-lhe um amor que ela mesma sentia não receber, aumentavam a sua inveja e seu ódio: ela era, na alma da mãe, a primeira das amantes do pai, por culpa de quem ela fora furtada de seu amor, e condenada a doença de sua existência...

O grande pânico da mãe era o de que o seu marido se separasse, uma vivência inconcebível que remetia ao tempo em que ficara desamparada em sua gravidez, e por isso a mãe fazia manipulações com a filha, cuja função era manter em casa o marido, que a desamava, pelo amor a ela filha, ao mesmo tempo em que tal situa-

ção humana a fazia odiar mais e mais a filha, a única que recebia algum amor daquele homem...

A ambivalência dilacerante organizava os jogos libidinais daquela mãe, que amarrou, desde a origem, sua filha no interior de sua relação mais íntima e negativamente erotizada com seu próprio marido.

Creio que já é possível, agora, pensarmos a matéria do *sonho ausente* de Joana. Ao longo dos primeiros seis ou sete meses de sua análise, em que todas as matérias trazidas até aqui foram me sendo apresentadas, com os ritmos próprios de defesas, angústias, comunicações e interpretações que tornavam possível a continuidade das associações, Joana sinalizava, de tempos em tempos, com um problema que foi ganhando grande realidade na transferência. Tratava-se de um campo de ansiedades que

de forma estúpida muito cedo na manhã. De todas as tensas reclamações dela em relação à mãe esta tinha um colorido especial: já marcava o dia com o sinal de uma ansiedade insuperável, e impedia fortemente que Joana completasse o sentido da experiência do despertar. Parecia que a adoecia ali mesmo onde a vida do sono e a da vigília poderiam se distinguir.

A verdade é que, com o tempo, aspectos relacionados ao dormir e ao acordar passaram a aparecer com alguma frequência, embora muito distanciados entre si no tempo. Literalmente pontuavam as associações, o que me pareceu um campo especial de problemas, que merecia atenção. Primeiro percebemos juntos que ela parecia estar sempre semi-adormecida, *parecia não estar inteiramente desperta em nenhum momento da vida*, o que se confundia um pouco com o tra-

Joana parecia não estar inteiramente desperta em nenhum momento da vida. A ambivalência dilacerante organizava os jogos libidinais da sua mãe com ela.

afloravam ao redor do sentido que o dormir tinha para ela.

Talvez, a primeira vez que tal questão tenha aparecido foi a passagem em que ela reclamava da destruição de seu sono e de seu despertar pela mãe, que a acordava

balho de adormecimento que suas muitas drogas faziam sobre ela. Mas não se tratava de uma questão de drogas.

A associação com a mãe que, já a alguns anos, destruíra seu despertar, me levava a acreditar que aí

tínhamos uma constelação de sentido propriamente psicanalítico, cuja ordenação era inconsciente.

Logo nos primeiros tempos de nosso trabalho ela conduziu as conversas sobre os horários de nossas sessões de forma que seria necessário que eu a atendesse muito cedo, às sete horas da manhã. Não levou

poder chegar a acordar, poder ter segurança no pleno e próprio acordar. Certa vez, na seqüência de idéias trazidas por esta interpretação da análise, ela me contou a seguinte história, associada ao seu desconhecimento do despertar, ou à patologia de seu sono e de seu despertar: "Uma vez, quando eu estava na fa-

falso, o que também significava que ela estava mais ou menos sempre dormindo, sempre sonhando...

A partir destas profundas comunicações da ordem da sua dissociação entre o dormir e o despertar ela avançou para um outro tema correlato: o de sua impossibilidade de dormir, o de sua sensação de que algo muito perigoso poderia acontecer se ela chegasse a dormir plenamente, e a vivência psíquica permanente, de extremo sofrimento, de não dormir já a muitos anos, talvez desde a infância... Tudo isto estava ligado ao risco de transformar a sua vida desperta em um pesadelo real, e, por exemplo, matar alguém...

Joana sentia que não dormia, e sabia que não podia dormir. É claro que ela dormia, no sentido de passar algumas horas do dia de olhos fechados, separada narcisicamente da vida compartilhada com outros humanos despertados, mas, no entanto, *ela sentia sua realidade psíquica como se a muitos e muitos anos ela não dormisse.*

Toda esta matéria, desde a impossibilidade de despertar, além da experiência de um despertar em falso que era um falso despertar, até a impossibilidade de dormir, e portanto sonhar - eu pensava - apontava claramente para o tipo de problema que Bion chegou a descrever em *O Aprender com a Experiência*, e, se Bion estivesse certo, a organização de tal desestruturação de dormir e despertar sinalizava para a presença de ansiedades psicóticas, de matéria psíquica do tipo *coisa em si* (ou *elementos-beta*, na linguagem do Bion daquela época).

Assim, instalei-me na posição de aguardar a aparição, na relação analítica, de um tipo de ansiedade inominável, cuja vivência poderia ser alucinatória ou de ansiedade regressiva e real sobre o corpo da paciente. De fato, fui me preparando para que *o pânico surgisse real, ali entre nós*. E de fato por volta do sétimo mês da análise ela me comunicou algo que esteve próximo

Não levou muito tempo para que eu percebesse que ela vinha acordar na sessão. Poder chegar a acordar, poder ter segurança disso, era um sentido especial da sua existência.

muito tempo para que eu percebesse *que ela vinha acordar na sessão*. Durante a nossa hora ela transitava de um nível subjetivo fechado sobre si mesma, profundo e irritado com qualquer tipo de problema exterior, de ritmo lento, para a experiência de estar viva e atenta a mim e ao mundo, enfim, desperta. O importante nesta história é que ela construiu os termos do *setting* de forma a vir despertar comigo, como se necessitasse de uma relação humana que, ao contrário da fantasia de invasão materna no despertar, tornasse possível a experiência de continuidade através da dissociação normal entre os estados de sono e de vigília.

Foi importante para ela quando eu lhe disse que ela vinha despertar na sessão. Este parecia ser um sentido especial de sua existência,

culdade, eu atrasei em um dia que eu não podia atrasar, acordei mais tarde, as oito horas... então eu acordei desesperada, levantei correndo e saí correndo, desesperada, peguei o carro e sai no maior pau, eu estava super atrasada... Aí eu fui assim, atrasada, correndo, até que, quando eu estava na Faria Lima sabe o que aconteceu? Adivinha?

- Eu não imagino...

- *Eu acordei... eu acordei de novo, no meio da avenida, aliás eu não tinha nada que estar lá na Faria Lima, aquele não era o caminho da minha faculdade... eu já tinha acordado quando eu acordei de novo...*"

Pudemos então falar da sensação de nunca estar inteiramente desperta, e de a qualquer momento poder despertar para uma nova realidade, o que também era muito assustador, pois o acordar era em

a uma vivência alucinada na sessão...

Um dia ela chegou muito taciturna. Parecia mais do que nunca mergulhada em seu estado subjetivo típico dos primeiros minutos das sessões. Ficou quieta por um bom tempo naquela manhã fria, em que o sol parecia não querer nascer... Parecia estar muito preocupada, e sofrendo de uma dor que tinha uma fonte precisa em sua alma, embora seus efeitos se irradiassem sobre tudo... Lá pelas tantas ela falou, com uma intensidade afetiva tensa e ofegante, temendo imensamente cada

Digo-lhe então, após a meia hora de intenso e ofegante sofrimento que ela levou para me fazer esta comunicação, que ela sentia que havia algo dentro dela tão terrível, e tão concreto, mas tão terrível, que só de pensar, aquilo já podia acontecer, e era terrível me trazer aquilo porque ela sentia que falar daquilo faria com que aquilo acontecesse mesmo lá comigo, e provavelmente ela seria tomada por aquela coisa e coisas muito ruins iam acontecer de verdade ali na sessão comigo, provavelmente ela sentia que destruiria concretamente a mim e a

radoxalmente, de certa forma, já me contara. E assim encerramos a sessão.

Mais ou menos um mês e meio após esta comunicação do impossível de ser comunicado lá estava ela, novamente taciturna e ofegante. Agora estava disposta a me falar da coisa, do que ainda não me falara da coisa, *o seu conteúdo*.

Tratava-se de um sonho. Ou, talvez fosse melhor dizer, *uma espécie de sonho*. Com o sofrimento atravessado em ondas ela me conta a seguinte história: "Quando eu era criança eu sempre tinha um sonho com um homem... ele era grande e ele me perseguia *com facas*... o sonho se repetia muitas e muitas vezes e era terrível: se ele me pegasse ele iria me despedaçar, ele me cortaria inteira com as facas... *o único jeito de me livrar dele era acordar*... mas ele sempre voltava e me ameaçava e se ele me pegasse eu morreria."

Tudo isto foi dito em um tom tenso, mas de tristeza voltada para si mesma, tonalidade afetiva menos intensa do que a da sessão em que me falou pela primeira vez desta coisa impossível de ser dita. Mas, no movimento do afeto na sessão houve um momento em que ele se intensificou muito, na direção de uma confusão sádica entre prazer e ódio na fantasia de ataque ao objeto, que eu já conhecia em Joana: "Um dia ele veio me perseguir com as facas, e eu já não agüentava mais... aí eu *peguei as facas dele, e matei ele com elas*... *aí eu cortei ele em pedaços... e enterrei*."

Ela havia me contado o pior. Era este o centro das ansiedades concretas, que só poderiam ser expulsas e ganhavam realidade em sua própria expulsão: chegar a me contar este sonho, destruído e tornado impossível, era atravessar a imensa impressão interna de que *de fato ela matara aquele homem*, e se aproximar desta matéria da alma era correr o risco de que ele retorna-se com o peso de um real, que a destruiria,

Digo-lhe que ela sentia que havia algo dentro dela tão terrível, e tão concreto, que só de pensar aquilo já podia acontecer. Era incrível ela me trazer aquilo, porque sentia que falar no tema faria com que o mesmo acontecesse ali comigo.

palavra, como se uma catástrofe pudesse ocorrer a qualquer momento em si mesma, por causa dela estar tocando aquela matéria: "- Tem uma coisa que eu não vou poder te falar nunca... é uma coisa que eu não posso falar, porque só de pensar nela já é horrível demais... eu não consigo nem pensar nela... é uma coisa que eu nunca vou poder te dizer... se não vai acontecer alguma coisa... vai acontecer algo muito ruim... eu não me responsabilizo por mim ... eu não sei o que pode acontecer...por isto eu não posso te falar nunca..."

sala, pois a coisa era tão ruim e concreta e tão mágica que se imporia a nós, e ela temia que fizesse algo de muito ruim a mim, com aquela coisa que só de pensar já acontecia...

Ela concordou com o que eu falei, e pareceu bastante aliviada, qua-se contente - após a respiração muito tensa, entrecortada e dolorosa da comunicação que atravessou mesmo o risco de enlouquecer -, por eu ter compreendido a sua ansiedade concreta, e principalmente, por não ter feito nenhuma alusão sobre ela ter que me contar aquilo que ela não podia falar, que, pa-

como ela teve que destruí-lo “realmente”, destruindo o próprio espaço do sonhar. Trata-se dos paradoxos constantes da matéria negativa da alma humana, cuja apresentação e contato leva à destruição psíquica e a não constituição de níveis simbólicos avançados na alma, como por exemplo o das estruturas sofisticadas do sonhar, com todas as suas muitas mediações metapsicológicas.

No próprio tempo e processo da análise em que ela pode transformar, na relação e na segurança de ambiente e *setting*, tal matéria negativa da alma (de caráter concreto, real, e cuja única relação psíquica é a expulsão maciça do continente psíquico que a contém, o próprio sonhar), no processo temporal em que tais ansiedades concretas negativizantes se transformam em narrativa e sentido e são contidas na relação humana com o analista sobre parâmetros simbólicos próprios àquela pessoa, já esta algo do principal do cuidado a ser oferecido a tal forma de constituir-se.

O intenso medo de Joana, como eu já havia intuído na primeira vez em que ela tocou tal *exu* de sua alma, era o de que ela vivesse alucinadamente comigo o risco de vida e a destruição de mim e de nosso trabalho, como vivera em seu sonhar da infância. A possibilidade deste tipo de ansiedade e de representação ser expressa e contida na sala e no ser do analista tende, com o tempo, a constituir sua modificação de sentido afetivo e de função psíquica no coração mesmo da fantasia e da natureza da sua defesa: por fim ela está me contando um sonho, um sonho que nos fala muito dela, de sua história e da história de sua alma, e não destruindo o objeto perseguidor, ao destruir-se a si mesma na impossibilidade mesma de conter o próprio sonho, e por fim o próprio sonhar.

Na sessão tornou-se claro, para mim e para ela, porque é que ela temia dormir, e até mesmo sentia que nunca podia dormir. Dormir, de

fato, seria colocar a si mesma livre para as ondas criativas e pulsionais do sonhar, o que, para ela, incluía o risco sentido como real, que é mesmo a realidade da projeção e do ataque maciço ao próprio sonhar, de reencontrar em algum lugar o homem despedaçado. Se ele sáísse de sua cova, junto com o próprio sonhar que também foi lá enterrado, ela corria imensos riscos de ser re-

divíduo, eu pego a faca e enfio na garganta dele...” ou “*Quando eu estou tomando banho tenho permanentemente a sensação de que alguém pode vir pelas minhas costas e me esfaquear... acho que a minha mãe pode entrar a qualquer momento e me matar...”*

Tal é o inferno da vivência *borderline*, em que algo da produção psíquica é matéria concreta que

Dormir seria colocar a si mesma livre para as ondas criativas e pulsionais do sonhar, o que, para ela, incluía o risco sentido como real. Era a realidade do ataque maciço ao próprio sonhar.

almente despedaçada, morta e enterrada por aquele que ela mesma matou. Desde então ela nunca mais pode dormir, porque não podia mais sonhar.

Tal barramento de um espaço simbólico de elaboração por excelência do ser produzia as atuações, de caráter concreto, do pânico da vida de vigília. As ansiedades não elaboradas no sonhar, que destruíam o sonhar pareciam estar sempre lá vivas e intactas, prestes a aparecer projetadas em qualquer situação aleatória da vida: “*Quando eu saio eu não levo comigo nenhum instrumento cortante, faca ou tesourinha... Porque se uma pessoa bater no meu carro, se acontecer, por acaso, de alguém me der uma porrada, eu juro que eu mato o in-*

a um tempo destrói o sonhar e passa a habitar sem controle - destruindo a *barreira de contato*, diria Bion - a realidade desperta como coisa concreta. O que aprendemos com Joana é que as projeções maciças e o ataque ao espaço simbólico, em sonho e na vigília, eliminam o despertar. Aquela moça sabia que de fato poderia matar alguém, pelo simples fato de que, *de fato*, já matara alguém, em sonho vivido com ansiedade real, bem como, de certa forma matara si mesma, ou fora morta nos processos das grandes intensidades odiosas a que fora submetida, quando matara o próprio sonhar.

Um outro ponto de vista importante para esta situação humana é o da relação problematíssima entre *conteúdo* e *continente* psí-

quico, ou nos nossos termos, entre o sonho e a própria capacidade de sonhar. Há uma mútua implosão, na apresentação das representações e imagens significativas de um ser para sua própria capacidade de representar seu mundo interno e sua relação com a realidade externa. Tal processo negativo tem origem simultânea no sonhar e na distorção ambiental original, e matem-se fazendo sentido negativizante no sonhar e na realidade desperta, a um tempo.

Vemos como tal dinâmica impossível tornava a vida de Joana um pânico, e o mínimo que ela podia sentir frente a tamanhos riscos - de ser realmente uma assassina, de enlouquecer de fato - era um permanente pânico frente a vida.

Neste momento de sua análise chegamos juntos a estas idéias.

Creio que não seria errôneo pensarmos que este registro da experiência psíquica de Joana, das ansiedades concretas destruidoras de sonhar e invasoras não elaboradas da vida desperta, tinha conexão com todo o problema existencial real de uma mãe violenta e sádica, o que se relaciona às experiências psíquicas da aurora do desenvolvimento humano daquela moça, bem como, de forma menos evidente, com a própria estrutura edípica exposta de seu teatro familiar, o que é a captura e o congelamento posterior, no mesmo destino.

Isto pode ficar mais claro através de um sonho que Joana teve alguns meses após o relato do despedaçamento do homem das facas, e, com ele, do próprio sonhar. Já há algum tempo ela me sinalizava com uma espécie de aumento da capacidade de dormir, como, por exemplo ao chegar atrasada "porque dormira demais": o sono estava bom, o que nos indicava a presença de sonhos bons, e de espaço onírico, pois, lembrando uma máxima freudiana, pouco estudada pelos analistas, "uma das funções do sonho é a de proteger o sono".

Assim, para minha surpresa, um dia ela me conta que sonhou novamente com o homem das facas. Aquilo era verdadeiramente um acontecimento em nossa análise. Primeiro, por ela poder voltar a sonhar, segundo, porque tudo que fosse relacionado ao homem das facas, até mesmo o pensamento so-

turava lado a lado, como água e azeite, o prazer neutro do sonho bom, e da narrativa significativa de si mesma, com a ansiedade ofegante do risco de despedaçamento que ela sempre corria ao evocar o homem das facas. Os dois movimentos afetivos do *self*, de ansiedades diferentes em sua lógica metapsi-

Ponto de vista importante para esta situação humana: a relação conteúdo e continente ou, nos termos desse caso, o sonho e a própria capacidade de sonhar. Ter sonhado com o homem das facas era poder conter em si mesma o mal radical.

bre ele, significava um risco intenso de despedaçamento concreto, despedaçamento psíquico, *que em algum momento ocorreu*, note-se bem. Assim, ter sonhado com o homem das facas era um momento especial de contenção do próprio mal radical em si mesma, na forma simbólica avançada do sonhar.

Mas o sonho não foi apenas a expressão em um continente psíquico agora viável de um mundo de ansiedades impensáveis, ele foi bem mais complexo, e mais belo, do que isso. Foi um sonho de elaboração de amplos aspectos da experiência de ser de Joana.

Ele me foi contado em uma estranha tonalidade afetiva, que mis-

cológica, com suas diferentes defesas, pareciam andar paralelos por um tempo, como as águas de dois rios de coloração distinta quando se encontram. Se fundiam por fim, com o desaparecimento da ansiedade concreta de natureza psicótica, no mar da própria sessão.

Ela sonhara que o homem das facas estava de volta. Ele voltava e tinha invadido a sua casa. Continuava perigoso como sempre, e botava em risco agora não apenas a vida dela, mas também a de seu pai e de sua mãe. Então, *ela e o pai conseguiram fugir da casa*. Já do lado de fora eles estavam seguros, mas a mãe ficara presa com o homem das facas. Assim a mãe corria riscos imi-

nentes de vida, se ele a encontrasse ela seria despedaçada. *Joana resolve voltar para a casa e salvar a mãe.* O pai lhe diz que não vá, mas ela quer salvar a mãe. Então, *atravesando o seu pânico real* (que a fazia sofrer ainda agora, ao contar o sonho) *de ser pega pelo homem e despedaçada, ela volta até a casa, com um medo intenso quase impossível de ser suportado, e retira a mãe de lá.* Por fim ela e a mãe estão salvas e ela se sente profundamente aliviada.

Aí está a recuperação simbólica, na relação mutativa com o analista, da capacidade de sonhar. O que temos agora é o sonho freudiano por excelência, cuja deformação e trabalho dos conteúdos latentes jamais põe em cheque a base originária da existência desejante do ser psíquico. Tal sonho e seu espaço constitui positivamente o ser do desejo, diferentemente do sonho da infância de Joana, que diante da imensa agressividade e de falhas graves e reais na qualidade humana do objeto, implodiram o espaço onírico, lugar de uma síntese impossível e em movimento do ser.

Conversamos sobre este sonho, e suas amplas apresentações do ser de Joana. O sonho realiza claramente dois desejos nítidos e evidentes: o do vencer o medo e o risco de morte frente o homem das facas - e é a própria Joana quem o enfrenta agora mas não de forma a destruir o sonho ao destruí-lo - e o de resgatar a mãe do mesmo perigo, do mesmo tipo de ansiedade psicótica. É como se ela soubesse que a mãe não tem instrumentos para lidar com o mal, e necessitasse dela, que ela a salvasse do contato impossível com o seu ser assassino. Por isto Joana sempre se oferecera a política de ciúmes, fofocas, ódio e inveja da mãe em relação ao pai, política que tinha nela Joana, a única confidente e vítima.

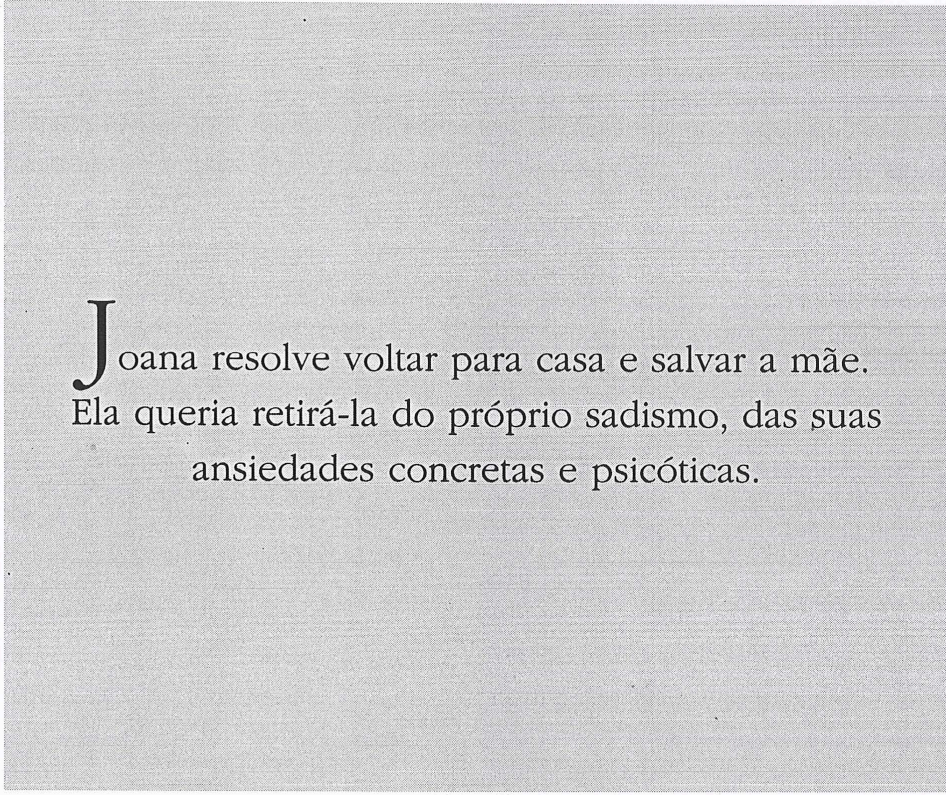
Mas Joana desejava, desde seu novo sonho, retirar a mãe de tal fechamento no próprio sadismo, nas

próprias ansiedades concretas e psicóticas. Para tanto ela se afasta, no sonho, do pai, se afasta do jogo de sedução com que o pai também sempre submeteu àquelas mulheres. Não é possível que se salvem apenas ela e o pai, esta solução, de abandonar a mãe a própria loucura e morte, era a solução incestuosa, cuja loucura do pai propunha a Joana: nós ficamos juntos a salvo em nosso amor, sua mãe que enlouqueça.

Aqui temos uma hipótese de porque o homem das facas é um homem, e não uma mulher, é o estágio seguinte da ansiedade impensável primeira, ligada ao ódio e maus tratos maternos, quando o amor do pai é sentido pela menina

sonhar, - destruindo e enterrando o homem das facas -, palco de encenação, para ela real, de tais problemas de seu ser infantil.

O que importa agora é que Joana se separa do pai, e vai em busca da mãe, querendo retirar-lhe do próprio risco de vida, salvá-la da própria incapacidade de sonhar, e sonhar a menina de outra forma que não seja a destruindo. No fim do sonho mãe e filha se encontram em um espaço neutro, não atacado pelo assassino, nem pelo desejo do pai, ou pelo pai. Tal espaço neutro e amoroso com a própria mãe, em uma primeira vez que Joana pode se mostrar preocupada com ela, é o que dá força ao sonho, é o grande desejo que a eleva simbolicamente



Joana resolve voltar para casa e salvar a mãe.
Ela queria retirá-la do próprio sadismo, das suas
ansiedades concretas e psicóticas.

em sua força incestuosa a colocando em risco definitivo frente o ódio materno. Neste ponto, lidando com o impensável do bebê mal recebido, e com o amor impossível pelo pai, porque imaginariamente realizado pelo próprio pai, e com o risco total de tal situação humana impossível, Joana destruiu o próprio

camente até à capacidade de sonhar, e de elaborar o próprio Édipo em que fora aprisionada concretamente por pai e mãe.

Joana sai de sua estrutura enlouquecedora simultaneamente retirando sua mãe, transformando, no próprio sonhar, aquilo que a mãe foi incapaz de transformar em si

mesma e na relação com ela.

Este sonho renovado de Joana teve profundos efeitos em sua existência posterior. Não vou prosseguir por mais tempo o relato desta análise, que em linhas gerais esbocei aqui em seu primeiro ano. Vou encerrar apenas apontando algumas modificações psíquicas e humanas que me pareceram de importância na vida de Joana nos dois anos seguintes, e que, de uma forma ou de outra me parecem ligadas à recuperação do sonho.

De toda forma, na medida em que aquele sonho restaurava a experiência e a capacidade de sonhar, perdida há muitos e muitos anos, permitia a Joana elaborar uma espécie de posição depressiva frente à mãe e, simultaneamente, equacionava o teatro edípico verdadeiramente atuado de sua família, ele significava mesmo uma mutação profunda na forma de Joana estar e de sentir a vida.

Pouco depois do sonho, Joana teve a oportunidade de barrar sua mãe nas *inconfidências* sistemáticas que ela lhe fazia. Quando sua mãe veio mais uma vez lhe falar de sua vida sexual com o seu pai (uma ce-na primária nada imaginária, ao contrário, sempre exposta), Joana lhe diz, com relativa tranquilidade, que não quer saber de nada daquilo, que as coisas do pai e dela mãe são coisas deles, problemas deles, que ela não pode ajudá-la naqueles assuntos, que ela falasse com ele e resolvesse seus problemas com ele.

Pela primeira vez em muitos anos Joana se sentia fora do teatro libidinal de seus pais, como saíra dele desde o seu sonhar. Aquela nova posição da filha, abandonando o seu papel de captura nas fantasias alheias, era desesperadora para sua mãe: então ela teria que conter sozinha a sua própria loucura, e ainda, o que era pior, não teria mais a filha para jogar o jogo de chantagens de amor com o marido, para tê-lo sempre em casa?! Devo

dizer, que, como eu imaginava, uma semana após esta comunicação e este posicionamento de Joana, sua mãe adoeceu, caíndo em uma depressão razoável, e poucos dias mais tarde, seu pai finalmente se separa de sua mãe. Quando Joana abandona o seu papel, a peça simplesmente se encerra.

Tem início uma nova época na vida de Joana e de sua mãe. Logo Joana está trabalhando, e começa a pensar, pela primeira vez, na possibilidade de um relacionamento amoroso viável com um homem. Alguém pode lembrar: e o pânico?

Bem o pânico... Com toda a sua vida simbólica negativa, foi desaparecendo suavemente das preocupações de Joana, no mesmo movimento em que ela foi diminuindo o uso das drogas.

noite. Aquela era o tipo de situação que, nos primeiros tempos da análise, descobrimos que podia precipitar um ataque de pânico; então ela sente que pode ter uma crise de pânico, ali, no meio do túnel, no meio do trânsito parado... Aí pensa consigo mesma que não, que ali não!, que ela deve esperar pelo menos até sair do túnel... De fato ela agüenta os vinte minutos no túnel sem explodir em pânico, achando que assim que sair ela terá a crise. Quando ela sai ela não tem nenhuma crise, e se surpreende muito consigo mesma...

Por fim, um dia, vai a um grupo terapêutico de pacientes de pânico que acontecia em um grande hospital. Participa do grupo, intrigada com o que é que se tentava fazer naquele trabalho e, ao fim da

Joana transforma aquilo que a mãe foi incapaz de transformar, em si mesma e na relação com ela, em seu próprio sonho. Ela agora se sente livre do teatro libidinal dos pais.

Um dia, já muito próximo de nossa separação na análise, ela me conta que ficara parada em um congestionamento intenso em um túnel de São Paulo, às sete horas da

sessão, após acompanhar todo o trabalho, pede a palavra e fala mais ou menos o seguinte: "Olha, eu tenho pânico, e eu faço análise a quase três anos... o que eu quero dizer

é que não é assim que se cuida desta doença, que desta forma você não vão chegar a lugar nenhum...”

Esta fala era endereçada mais às psicólogas que coordenavam o grupo do que aos próprios pacientes... Após a crítica, as psicólogas quiseram conversar, Joana lhes diz que daquele jeito elas não ajudariam em nada aquelas pessoas. Então as psicólogas lhe dizem: “- Você tem certeza que você tem pânico? Você parece tão segura, tão ciente do que diz, não se parece em nada com o perfil das pessoas que atendemos aqui...”

Mesmo assim, de forma curiosa, como uma espécie de índice identitário da própria história, ela encerrou o trabalho comigo dizendo que ela sabia que podia ter uma crise de pânico, que aquilo continuava nela, e que portanto ela tinha pânico...!

Para encerrar, quero contar a última vez que vi Joana. Seis meses após o encerramento da análise, - que ela quis -, ela me telefonou. Queria me fazer uma visita. Quando nos encontramos, me disse que estava indo muito bem em seu trabalho, que começava a se organizar para poder morar sozinha com a filha, e que sua vida amorosa era esperançosa. Então me conta porque quisera conversar comigo.

Recentemente seu irmão tivera seu primeiro filho. Observando o sobrinho e sua mãe, ela percebeu como a jovem mãe não conseguia cuidar bem de seu bebê, com tranquilidade e simples devoção aos movimentos dele. Percebeu que a moça parecia muito preocupada com a limpeza do bebê e que a todo momento ela o limpava, chegando mesmo a incomodá-lo. Quando o bebê fazia cocô na fralda, imediatamente a mãe ficava ansiosa, e o limpava bem com um pano, trocava a fralda, deixava tudo limpo. Joana sabia que as coisas não eram daquele modo: aquela mãe não deixava o bebê um segundo em paz com o próprio cocô, não deixava

ele ficar com o seu cocozinho, que afinal, devia ter alguma importância para ele... Então, refletindo sobre aquilo Joana resolve conversar com sua própria mãe. Explica-lhe

As duas se abraçam, choram, e Joana fala: “Tudo bem mãe, já passou..., agora está tudo bem...”

Joana chegou a curar a própria impossibilidade de sua mãe ter uma

Então a mãe de Joana se emociona profundamente; ambas se abraçam, e ela pode dizer: “tudo bem mãe, já passou..., agora está tudo bem...”

tudo que tinha visto, e pede que ela converse com a nora, já que ela, sendo avó e mais velha, poderia ser ouvida, que a mãe explique à jovem mãe que não é necessário *tanta* limpeza, que é importante não incomodar o bebê todo o tempo, e que ela conversasse com a jovem mãe sobre por que ela ficava tão nervosa com a sujeira. E então Joana completa a sua comunicação para a mãe: “Senão mãe, pode acontecer o que aconteceu com a gente... Você se lembra quando você esfregou a fralda com cocô na minha cara... então, pode acontecer alguma coisa assim...”

Então a mãe de Joana se emociona profundamente e, chorando, lhe diz: “Como eu fui má com você minha filha... como você sofreu na minha mão...”

filha. Da mesma forma que a salvara, dois anos e meio antes, no fundo de seu sonho, que se tornava novamente possível. ■

NOTAS

1. Este trabalho, apresentado nas Inquietações da Clínica Cotidiana de 17 de setembro de 1998, é uma parte do trabalho de doutoramento do autor, desenvolvido no Instituto de Psicologia - USP.